

## 6

### Experimentos de percepção e produção de modo

#### 6.1

##### Experimento 1: Imitação eliciada

Foi visto no estudo dos dados da produção espontânea (capítulo 5), que as crianças analisadas, até aproximadamente os dois anos de idade, não apresentaram problemas com a produção nem do indicativo (correspondente ao *modo realis*) nem do imperativo (correspondente ao *modo irrealis*), ao passo que não produziram a morfologia do subjuntivo (também *irrealis*) espontaneamente. Em adição, foi constatado que o infinitivo foi utilizado predominantemente, por elas, com a finalidade de expressar o *modo irrealis*, seja para comando, volição ou intenção. Diante desse quadro, surgiu a necessidade de investigar em que medida crianças um pouco maiores, na faixa etária de 3 a 5 anos, falantes do PB, percebem e reproduzem a distinção entre os *modos realis* e *irrealis* expressos pelas morfologias do indicativo e do subjuntivo, respectivamente. O primeiro experimento realizado visou verificar, então, tal distinção, pela criança, na interface fônica.

Uma tarefa de imitação eliciada foi elaborada envolvendo sentenças complexas, cuja oração subordinada continha tanto o subjuntivo (no presente e no passado), como o indicativo (também no presente e no passado) em tempo compatível com o verbo da oração principal. Os verbos desta, volitivos, manipulativos ou de comunicação (*querer, pedir, mandar, falar, contar e dizer*) foram controlados de modo que o número de vezes que cada um deles se apresentasse no experimento fosse contrabalançado. Com relação a tempo, a tarefa visou verificar se haveria dificuldades relacionadas à morfologia marcada do passado.

##### - Objetivo:

Verificar se a criança perceberia a morfologia do *modo* subjuntivo e se conseguiria reproduzi-la por meio de repetição e, em que medida tempo

morfologicamente marcado (passado) afetaria o desempenho da criança no que diz respeito ao *modo* verbal.

#### - **Design experimental:**

As variáveis independentes deste experimento foram *modo* (indicativo e subjuntivo), *tempo* (presente e passado) e *idade* (3 e 5 anos) em *design* fatorial 2 (*modo*) X 2 (*tempo*) X 2 (*idade*), em que *modo* e *tempo* são fatores intra-sujeitos (medidas repetidas) e *idade* é um fator grupal.

As condições experimentais, levando-se em conta os fatores intra-sujeito são, portanto, quatro (cf. Quadro 8):

Condições experimentais	Exemplos de um estímulo correspondente
Subjuntivo, presente	Papai quer <u>que eu telefone</u> para ele todo dia.
Subjuntivo, passado	Vovó pediu <u>que eu tomasse</u> o remédio ontem.
Indicativo, presente	João conta <u>que eu lavo</u> meu cabelo todo dia.
Indicativo, passado	Guto falou <u>que eu arrumei</u> o quarto ontem.

Quadro 8 – Exemplos de estímulos e condições experimentais do Experimento 1

A variável dependente foi o número de respostas que reproduziram a forma do verbo da sentença completa.

#### - **Hipóteses e previsões:**

Com base nos resultados do estudo dos dados da produção espontânea e no processo pelo qual o subjuntivo vem passando no PB (cf. capítulo 2), a hipótese foi a de que o *modo* subjuntivo, em contraste com o *modo* indicativo, apresenta dificuldades no processo de aquisição da língua. Diante disso, previu-se que o número de repetições correspondentes à forma do verbo no *modo* subjuntivo seria menor do que aquele correspondente ao *modo* indicativo em ambos os grupos etários. Ou seja, as crianças de ambos os grupos (3 e 5 anos) não apresentariam problemas com a reprodução do indicativo, mas que o subjuntivo imporia dificuldades à criança no processo de aquisição da língua. Também foi previsto que o número de respostas-alvo correspondentes à condição subjuntivo aumentaria em função da idade.

## **MÉTODO:**

### **- Participantes:**

Foram testadas 25 crianças (6 meninos), divididas em dois grupos etários:

- Grupo de 3 anos: 10 crianças com idade média de 3;9, sendo 1 menino e 9 meninas (de um total de 11 crianças, 1 foi eliminada por falta de concentração).
- Grupo de 5 anos: 15 crianças com idade média de 5;5, sendo 5 meninos e 10 meninas.

Todas as crianças avaliadas pertencem a famílias de classe média e residem na Zona Sul do Rio de Janeiro. Nenhuma delas apresentava histórico familiar de déficit lingüístico.

### **- Material:**

- 3 listas aleatorizadas com as condições experimentais propostas. Adotando-se três estímulos por condição, obteve-se um total de 12 estímulos. As listas eram formadas de 3 blocos de 4 estímulos cada. É preciso ressaltar que as três listas apresentaram sentenças distintas, porém, com as mesmas condições experimentais, o mesmo grau de dificuldade no que se refere aos itens lexicais e o mesmo controle para o número de sílabas;
- 1 fantoche “Dedé”;
- 1 gravador digital do tipo MP3 Player da marca Dynacom.

### **- Procedimento:**

O experimento foi aplicado em uma creche. Em uma sala previamente definida pelas professoras de ambos os grupos (3 e 5 anos), cada criança, individualmente, sentava-se em uma cadeira e a experimentadora em outra, diante de uma mesa. Após uma fase de ambientação com uma rápida conversa entre a experimentadora e a criança, a experimentadora introduzia a tarefa. Primeiramente, um fantoche (Dedé) era apresentado. A experimentadora explicava à criança, então, que o fantoche não escutava direito e pedia sua ajuda no sentido de repetir, em voz alta, para ele as frases ditas. O teste era aplicado em

seguida à fase de pré-teste, na qual a criança precisava ter sucesso em três das quatro sentenças apresentadas para continuar. A experimentadora apresentava o estímulo e a criança o repetia para o fantoche. Toda vez que a criança repetia uma frase (de forma correta ou não), o fantoche reagia “alegremente”, por ter entendido o que a criança disse. O procedimento durou cerca de 8 minutos por criança e todo o processo foi registrado com o auxílio de um gravador do tipo MP3.

### - Resultados e discussão:

Os dados (número de respostas que reproduziram a forma do verbo da oração completiva) foram submetidos a uma ANOVA 2 (*modo*) X 2 (*tempo*) X 2 (*idade*), na qual os dois primeiros fatores são medidas repetidas e o último, um fator grupal.

Obteve-se um efeito principal de *idade* ( $F(1,23) = 9.83$   $p < .01$ ) (médias: 1.90 para os três anos e 2.53 para os cinco anos). Esse efeito sugere que as crianças de 5 anos encontram-se mais preparadas para a tarefa de repetição, apresentando, assim, melhor desempenho na reprodução das sentenças-alvo. O Gráfico 1 exibe as médias correspondentes a este efeito:

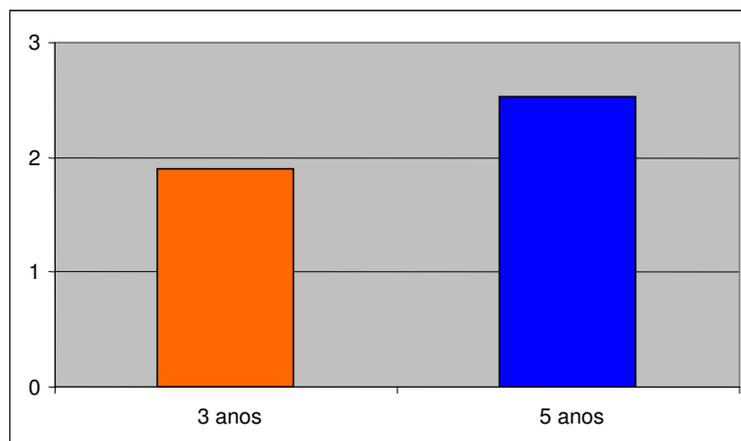


Gráfico 1 - Médias de respostas-alvo em função de idade (max score = 3)

Outro efeito principal obtido foi o de *modo* ( $F(1,23) = 8.66$   $p < .01$ ) (médias 2.62 para o indicativo e 1.94 para o subjuntivo). Esse efeito demonstra que, conforme previsto, as crianças apresentaram maior dificuldade na reprodução do subjuntivo. O Gráfico 2 apresenta tal efeito:

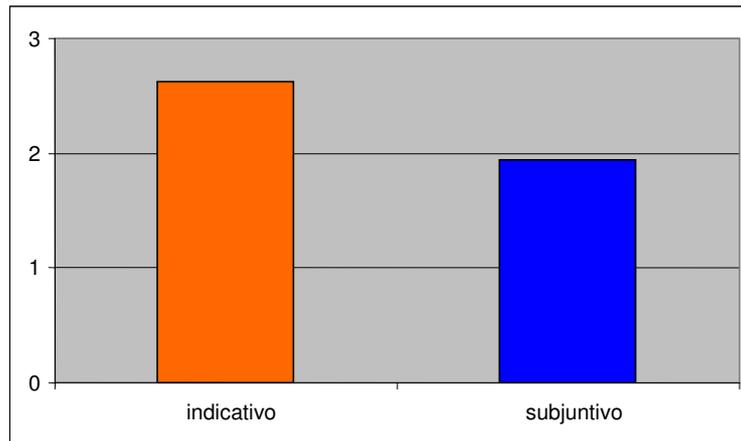


Gráfico 2 - Médias de respostas-alvo em função de modo (max score = 3)

Não houve efeito principal de *tempo*, nem interação significativos.

Uma análise abrangendo as duas variáveis independentes, *modo* e *idade*, demonstra que aos 3 anos, a tarefa impôs dificuldades, mesmo na condição indicativo. Aos 5 anos, o indicativo não apresenta problemas, chegando quase ao nível de perfeição (*ceiling*), ao passo que o subjuntivo continua a apresentar dificuldades para a criança (cf. Gráfico 3):

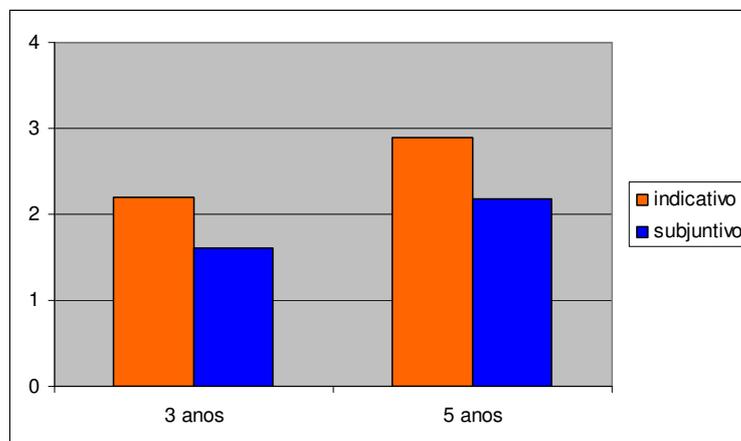


Gráfico 3 - Médias de respostas-alvo em função de idade e de modo (max score = 3)

As alternativas à forma-alvo utilizadas pelas crianças constituem uma outra fonte de informação valiosa para o presente estudo. Na análise dos dados deste experimento, verificou-se que tanto as crianças de 3 como as de 5 anos fizeram uso de três tipos de alternativas assim classificadas:

(1) a substituição do subjuntivo pelo infinitivo: “José pediu pra eu *pegar* o cachorro ontem” em substituição à “José pediu que eu *pegasse* o cachorro ontem”;

(2) a substituição do subjuntivo pelo indicativo: “Carlos quer que eu *escondo* o sapato todo dia” ao invés de “Carlos quer que eu *esconda* o sapato todo dia”; e

(3) outros tipos de produção totalmente díspares em relação ao estímulo dado ou casos em que a criança testada não conseguiu reproduzir o estímulo.

Na condição indicativo, não houve substituições, mas apenas produções semelhantes às da categoria (3), conforme a Tabela 4:

Idade	Condição	Alvo	Subst. Inf. (Cat. 1)	Subst. Ind. (Cat. 2)	Outros (Cat. 3)
3 anos	Subjuntivo, presente	50% (15/30)	16,7% (5/30)	23,3% (7/30)	10% (3/30)
	Subjuntivo, passado	56,7% (17/30)	20% (6/30)	3,3% (1/30)	20% (6/30)
	Indicativo, presente	73,3% (22/30)	0% (0/30)	0% (0/30)	26,7% (8/30)
	Indicativo, passado	73,3% (22/30)	0% (0/30)	0% (0/30)	26,7% (8/30)
5 anos	Subjuntivo, presente	77,7% (35/45)	6,7% (3/45)	6,7% (3/45)	8,9% (4/45)
	Subjuntivo, passado	66,7% (30/45)	17,8% (8/45)	4,4% (2/45)	11,1% (5/45)
	Indicativo, presente	95,6% (43/45)	0% (0/45)	0% (0/45)	4,4% (2/45)
	Indicativo, passado	97,8% (44/45)	0% (0/45)	0% (0/45)	2,2% (1/45)

Tabela 4 - Percentual de respostas-alvo e respostas alternativas

Assim, considerando-se apenas as alternativas que envolveram substituições, pode-se observar que a criança, quando não consegue reproduzir o subjuntivo recorre, em geral, ao infinitivo<sup>1</sup>. A criança de 3 anos, contudo, na condição subjuntivo presente, faz mais uso do indicativo do que do infinitivo em substituições ao subjuntivo. Na condição subjuntivo passado, a situação se inverte e o infinitivo é mais utilizado em substituição ao subjuntivo. Com relação às crianças de 5 anos, quando a condição foi o subjuntivo presente, elas substituíram

<sup>1</sup> É preciso observar que o infinitivo, nestas substituições, encontra-se em uma estrutura possível na língua adulta, uma vez que, apesar de o contexto sintático não ser o mesmo, o sentido da sentença não se altera.

o subjuntivo igualmente pelo infinitivo e pelo indicativo. Por outro lado, quando a condição foi o subjuntivo passado, o uso do infinitivo superou muito o do indicativo (cf. Tabela 5):

Idade	Condições experimentais	Substituições pelo infinitivo	Substituições pelo indicativo
3 anos	Subjuntivo, presente	41,7% (5/12)	58,3% (7/12)
	Subjuntivo, passado	85,7% (6/7)	14,3% (1/7)
	Média total	57,9% (11/19)	42,1% (8/19)
5 anos	Subjuntivo, presente	50% (3/6)	50% (3/6)
	Subjuntivo, passado	80% (8/10)	20% (2/10)
	Média total	68,8% (11/16)	31,2% (5/16)

Tabela 5 - Percentual de substituições na condição subjuntivo

O que se depreende de tal análise é que, de forma compatível com os dados longitudinais, o infinitivo se destaca em termos de substituição ao subjuntivo, o que parece ser mais uma evidência de que na aquisição do PB, o infinitivo constitui um meio de expressão do *modo irrealis*. Para as crianças de 3 anos, a substituição do subjuntivo pelo infinitivo já começa a despontar e, aos 5, se intensifica. De acordo com o Gráfico 4, abaixo, percebe-se que as crianças, onde mais encontraram dificuldades (condição subjuntivo passado), mais fizeram o uso do infinitivo para a expressão do *modo irrealis*. Pode-se pensar, então, que a criança, nesta fase do desenvolvimento lingüístico (3 a 5 anos), admita tanto a forma infinitiva quanto a subjuntiva como expressão do *modo irrealis*:

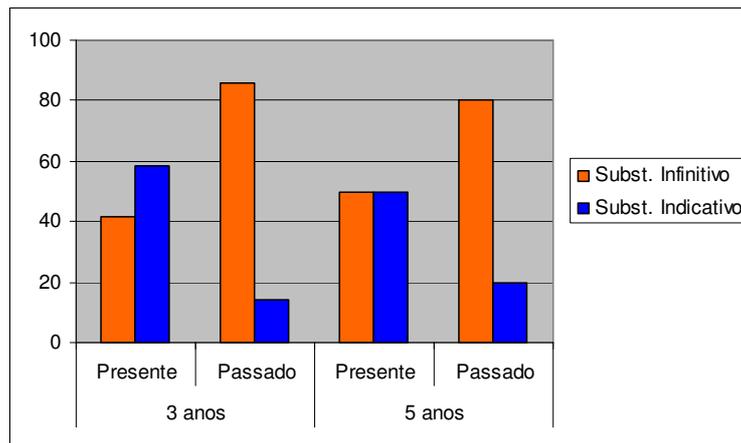


Gráfico 4 - Percentual de alternativas de substituição na condição subjuntivo

### - Conclusões:

Os resultados deste experimento se mostraram compatíveis com as hipóteses iniciais, na medida em que o subjuntivo, de fato, apresentou dificuldades às crianças, embora a tarefa de imitação eliciada, como um todo, tenha se mostrado árdua para ambas as faixas etárias. De qualquer forma, percebe-se que a criança detecta a oposição entre indicativo e subjuntivo, embora mostre dificuldades em reproduzi-la.

Um ponto de destaque foi o resultado da análise das formas alternativas utilizadas pelas crianças que revelou que estas, ao se depararem com a dificuldade na reprodução do subjuntivo, recorrem ao infinitivo para substituí-lo, o que reforça a idéia de que o infinitivo é o meio alternativo de expressão do *modo irrealis* para a criança que ainda não dominou a morfologia do subjuntivo. Entretanto, cabe ressaltar que a criança, até os dois anos de idade, faz uso de uma forma não-marcada, o infinitivo, de forma distinta de como o adulto o faz<sup>2</sup>, o que está de acordo com a literatura. Diferentemente, a partir dos 3 anos, a criança começa a fazer uso do infinitivo como meio de expressão do *modo irrealis*, de uma forma perfeitamente produtiva na língua, idêntica àquela utilizada pelo adulto, o que revela que a habilidade da criança no uso do *modo irrealis*, de fato, evolui com a idade.

Ademais, pode-se pensar que nos casos em que o subjuntivo foi substituído pelo indicativo, a criança está apenas reproduzindo uma tendência natural no PB: a perda progressiva do subjuntivo.

<sup>2</sup> Ver estudo dos dados da produção espontânea, capítulo 5.

## 6.2

### Experimento 2: Produção eliciada

Uma vez que, por meio do Experimento 1, ficou constatado que a criança, aos 3 anos de idade, já é capaz de fazer a distinção de *modo* na interface fônica e de reproduzi-la por meio de imitação, era preciso investigar em que medida ela conseguiria produzi-la, ainda que por meio de eliciação. Assim sendo, o Experimento 2 foi elaborado com vistas a examinar se a criança seria capaz de produzir o *modo* subjuntivo de maneira “semi-espontânea”. A criança deveria continuar uma frase introduzida pela experimentadora de modo a revelar, na escolha da morfologia verbal, se a forma subjuntiva já é, de algum modo, produtiva. A indução da produção de um verbo no *modo* subjuntivo foi feita por meio da presença do complementizador *que* em contraste com sua ausência na condição infinitivo. Deste modo, a criança precisou distinguir a presença do complementizador e completar os estímulos com o infinitivo ou com o subjuntivo ao verbalizar a informação que lhe era passada por meio de mímica pela experimentadora. O verbo da oração principal foi sempre *mandar* e os verbos das orações encaixadas foram contrabalançados entre transitivo (com complemento explícito ou não) e intransitivo nas duas condições, quais sejam, infinitivo e subjuntivo.

#### - **Objetivo:**

Verificar se a criança seria capaz de produzir o subjuntivo em uma sentença completiva diante da presença do complementizador *que*.

#### - **Design experimental:**

As variáveis independentes para o Experimento 2 foram *idade* (3 e 5 anos) e *forma verbal*<sup>3</sup> (infinitivo e subjuntivo) em *design* fatorial (2 X 2), em que *forma verbal* é um fator intra-sujeito.

Abaixo, dois exemplos de cada condição definida pela *forma verbal* (cf. Quadro 9):

---

<sup>3</sup> O termo *forma verbal* foi aqui utilizado por ser o infinitivo uma forma nominal e não um *modo* verbal.

Condições experimentais		Exemplos de um estímulo correspondente
Subjuntivo	(verbo transitivo)	O Dedé mandou <u>que a Jacqueline...</u> ( <u> penteie/penteasse</u> o cabelo).
	(verbo intransitivo)	O Dedé mandou <u>que a Jacqueline...</u> ( <u> sente/sentasse</u> ).
Infinitivo	(verbo transitivo)	O Dedé mandou <u>a Jacqueline...</u> ( <u> desenhar</u> uma casa).
	(verbo intransitivo)	O Dedé mandou <u>a Jacqueline...</u> ( <u> sorrir</u> ).

Quadro 9 – Exemplos de estímulos e condições experimentais do Experimento 2

A variável dependente foi o número de respostas que reproduziram a forma esperada do verbo em função da presença ou ausência do complementizador (subjuntivo ou infinitivo, respectivamente).

#### - Hipóteses e previsões:

A hipótese foi a de que o complementizador *que* deflagra o uso do *modo* subjuntivo. Assim, de acordo com o desempenho das crianças no Experimento 1, a previsão foi a de que as crianças de 5 anos seriam capazes de detectar a necessidade do uso do subjuntivo na presença do complementizador, ao passo que as de 3, apresentariam dificuldades nesta mesma tarefa.

### MÉTODO:

#### - Participantes:

A maioria dos participantes deste experimento foi a mesma que a do Experimento 1. Foram testadas 25 crianças (10 meninos), divididas em dois grupos:

- Grupo de 3 anos: 10 crianças com idade média de 3;6, sendo 5 meninos e 5 meninas.
- Grupo de 5 anos: 15 crianças com idade média de 5;4, sendo 5 meninos e 10 meninas.

Assim sendo, os participantes deste experimento pertencem à mesma classe social e residem na mesma área que os do Experimento 1, não apresentando, nenhum deles, histórico familiar de déficit linguístico.

**- Material:**

- 5 listas aleatorizadas com as condições experimentais propostas. Adotando-se 2 sentenças infinitivas (uma com verbo transitivo e outra com intransitivo), 2 subjuntivas (com o mesmo controle de transitividade dos verbos), além de 5 estímulos por condição, obteve-se, um total de 20 estímulos. As listas continham 5 blocos de 4 estímulos. Neste experimento, as sentenças são as mesmas em todas as listas;
- 1 fantoche “Dedé”;
- 1 gravador digital do tipo MP3 Player da marca Dynacom;
- Objetos que auxiliassem na compreensão dos gestos: escova de dentes, maçã de plástico, pente, papel, lápis e livro.

**- Procedimento:**

Da mesma forma que o Experimento 1, este foi aplicado em ambiente de creche, cujas professoras designaram uma sala apropriada, com mesas e cadeiras, para a tarefa. Novamente, cada criança (de ambos os grupos, 3 e 5 anos), individualmente, sentava-se em uma cadeira e a experimentadora em outra, diante de uma mesa. Após a fase de ambientação da criança, a experimentadora introduzia a tarefa. Primeiramente, o fantoche, “Dedé”, era apresentado. A experimentadora perguntava à criança, então, se ela conhecia gestos, explicando que falaria uma frase e que fazia um gesto e que ela (a criança) completaria a frase falando o gesto que havia visto. O teste era aplicado após a fase de pré-teste e da mesma forma que no Experimento 1, a criança precisava ter sucesso em três das quatro sentenças apresentadas para prosseguir. Nas sentenças-teste, a experimentadora dizia: “O Dedé mandou a Jacqueline...” e fazia o gesto de pular, por exemplo. A criança, então, completava a sentença dizendo: “... pular!”. Toda vez que a criança completava a sentença (de forma correta ou não), o fantoche reagia “alegremente”, por ela ter acertado/reconhecido o gesto. O procedimento levou cerca de 8 minutos com cada criança e o processo foi registrado com o auxílio de um gravador do tipo MP3.

### - Resultados e discussão:

Os dados foram submetidos a uma ANOVA com *design* 2 (*idade*) X 2 (*forma verbal*), na qual o primeiro fator é grupal e o segundo, uma medida repetida.

Obteve-se um efeito principal de *idade* altamente significativo ( $F(1,23) = 35.15$   $p < .00001$ ) (médias: 4.55 para os três anos e 8.00 para os cinco anos). Esse efeito demonstra que as crianças de 5 anos exibem maior habilidade para a tarefa de complementação das sentenças. O Gráfico 5 apresenta este efeito:

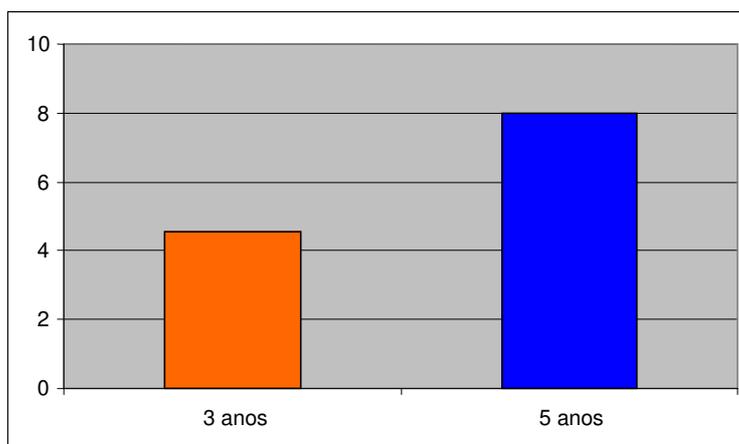


Gráfico 5 - Médias de respostas-alvo em função de idade (max score = 10)

Um efeito principal altamente significativo de *forma verbal* também foi obtido ( $F(1,23) = 68.10$   $p < .00001$ ) (médias: 9.08 para o infinitivo e 4.16 para o subjuntivo). O que este efeito evidencia é que o infinitivo foi bem mais acessível às crianças, tanto às de 3, como às de 5 anos. Isto demonstra que, mesmo aos cinco anos, a criança ainda não desenvolveu suas habilidades para o subjuntivo plenamente, o que está de acordo com o Experimento 1. O Gráfico 6 exibe o melhor desempenho das crianças com o infinitivo:

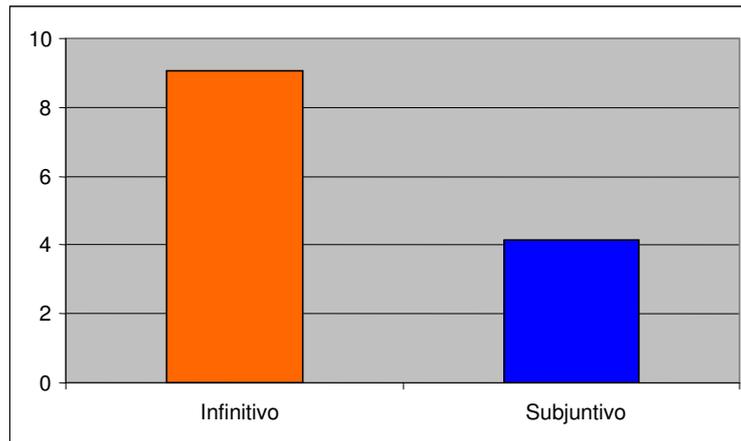


Gráfico 6 - Médias de respostas-alvo em função de forma verbal (max score = 10)

Obteve-se, ainda, uma interação entre *forma verbal* e *idade* ( $F(1,23) = 14.31$ ,  $p = .0010$ ) (médias: 8.50 para o infinitivo aos 3 anos; 9.47 para o infinitivo aos 5 anos; 0.60 para o subjuntivo aos 3 anos e 6.53 para o subjuntivo aos 5 anos). Esta interação demonstra que aos 5 anos, a criança já é capaz de detectar a presença do complementizador *que*, o que lhe permite a intuição da necessidade do subjuntivo. Contudo, fica claro que ainda se encontram em um patamar de desenvolvimento quanto à produção do subjuntivo. As crianças de 3 anos, por outro lado, apresentaram bom desempenho com relação ao infinitivo, mas sua produção do subjuntivo encontra-se, ainda, muito rudimentar. O Experimento 2 demonstra, portanto, o grande progresso pelo qual a produção do subjuntivo passa no decurso de dois anos do desenvolvimento infantil – dos 3 aos 5 anos de idade. Vale ressaltar a natureza deste efeito de interação: ainda que as médias relativas a *forma verbal* sigam a mesma direção nos dois grupos, a magnitude da diferença entre infinitivo e subjuntivo é muito maior no grupo de 3 do que no de 5 anos. O Gráfico 7 ilustra este ponto:

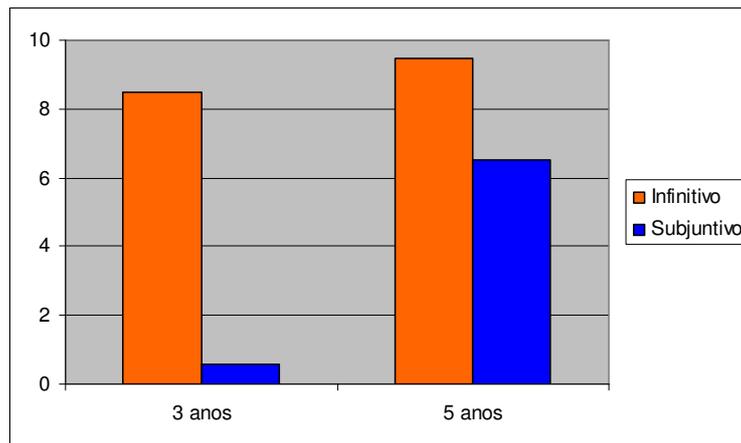


Gráfico 7 - Médias de respostas-alvo em função de interação entre idade e forma verbal  
(max score = 10)

Confrontando-se os resultados dos dois experimentos acima, pode-se observar que as crianças produziram melhor o subjuntivo no Experimento 1 (tarefa de imitação eliciada) do que no 2 (tarefa de produção eliciada). De acordo com Corrigan & Di Paul (1982), crianças são capazes de imitar estruturas ainda não presentes em sua fala espontânea, mas sobre as quais já possuem algum entendimento. Em outras palavras, por meio da imitação eliciada, pode-se ter uma indicação do nível cognitivo da criança, uma vez que esta produzirá apenas as estruturas sobre as quais já têm algum controle ou que está prestes a produzir por conta própria. Isto foi precisamente o que ocorreu nos Experimentos 1 e 2, uma vez que tanto as crianças de 3 anos como as de 5 produziram melhor o subjuntivo por meio da imitação (Experimento 1) do que quando em uma situação de maior liberdade (Experimento 2). Tal desempenho destacou-se, sobretudo, no grupo de 3 anos. Este fato demonstra que apesar de a criança de 3 anos não fazer uso do subjuntivo espontaneamente, encontra-se prestes a lidar com este *modo* verbal (cf. desempenho das crianças de 5 anos).

Neste experimento, as alternativas às formas-alvo também foram analisadas. Na condição subjuntivo, cinco tipos de alternativas foram observadas:

(1) Substituição pelo infinitivo: “O Dedé mandou que a Jacqueline...”  
“*pentear* o cabelo” no lugar de “O Dedé mandou que a Jacqueline...”  
“*pentei/penteasse* o cabelo”;

(2) Substituição pelo presente do indicativo: “O Dedé mandou que a Jacqueline...” “*abre* o livro” ao invés de “O Dedé mandou que a Jacqueline...” “*abra/abrisse* o livro”;

(3) Substituição pelo pretérito imperfeito do indicativo: “O Dedé mandou que a Jacqueline...” “*contava*” em substituição a “O Dedé mandou que a Jacqueline...” “*contel/contasse*”;

(4) Substituição pelo gerúndio: “O Dedé mandou que a Jacqueline...” “*fazendo* balé” em lugar de “O Dedé mandou que a Jacqueline...” “*dancel/dançasse* balé”; e

(5) Outros: do mesmo modo que no Experimento 1, expressões que destoam por completo do estímulo dado ou situações em que a criança não conseguiu completar a sentença, conforme a Tabela 6 abaixo:

Idade	Alvo	Subst. Inf. (Cat. 1)	Subst. Pres. Ind. (Cat. 2)	Subst. Pret. Imp. Ind. (Cat. 3)	Subst. Gerúndio (Cat. 4)	Outros (Cat. 5)
3 anos	6% (6/100)	74% (74/100)	0% (0/100)	7% (7/100)	1% (1/100)	12% (12/100)
5 anos	65,3% (98/150)	27,3% (41/150)	2% (3/150)	4% (6/150)	0% (0/150)	1,4% (2/150)

Tabela 6 – Percentual de respostas-alvo e respostas alternativas na condição subjuntivo

Na condição subjuntivo, desprezando-se a categoria (5) e analisando-se somente as substituições, isto é, a estratégia a que as crianças recorrem quando não conseguem produzir o subjuntivo, percebe-se que a substituição pelo infinitivo é altamente produtiva, em ambas as faixas etárias, e ultrapassa muito em quantidade os outros tipos de substituições, conforme a Tabela 7:

Idade	Subst. Inf.	Subst. Pres. Ind.	Subst. Pret. Imp. Ind.	Subst. Gerúndio
3 anos	90,2% (74/82)	0% (0/82)	8,5% (7/82)	1,3% (1/82)
5 anos	82% (41/50)	6% (3/50)	12% (6/50)	0% (0/50)

Tabela 7 – Percentual de substituições na condição subjuntivo

Outro ponto relevante é a verificação de que no Experimento 2, em que as crianças tiveram maior grau de liberdade em sua produção, a substituição do subjuntivo pelo infinitivo se fez ainda mais presente. Isto faz sentido, na medida em que no primeiro experimento, ao repetirem um estímulo, sua produção era mais controlada. No presente experimento, em que precisavam completar a sentença, tiveram maior liberdade de escolha, inclusive, para fazer uso de uma estrutura se não dominavam a outra. Este fato corrobora os resultados encontrados anteriormente, que sugerem que o infinitivo é o meio de expressão do *modo irrealis* no PB, quando o subjuntivo ainda não está consolidado na língua infantil.

Cabe observar também, que o segundo maior tipo de substituição se refere ao da permuta do subjuntivo pelo pretérito imperfeito do indicativo. Ao que parece, esta é mais uma evidência do processo de alternância entre subjuntivo e indicativo que vem ocorrendo no PB (cf. Gráfico 8):

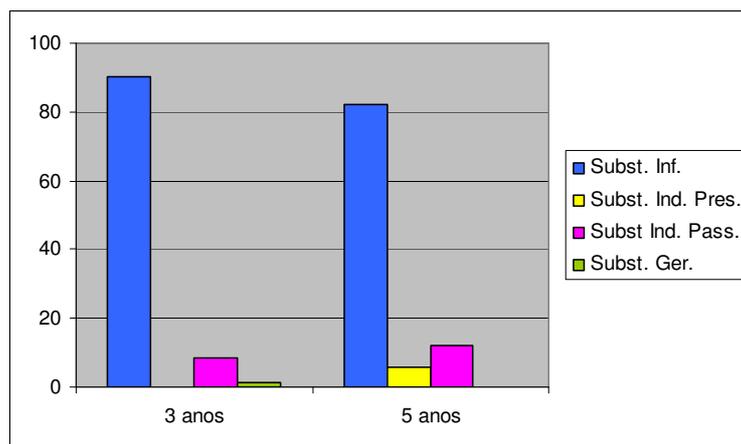


Gráfico 8 – Percentual de substituições na condição subjuntivo

Com relação à condição infinitivo, o único tipo de substituição encontrado foi o do infinitivo pelo pretérito imperfeito do subjuntivo, como em: “O Dedé mandou a Jacqueline...” “*comesse* uma maçã” no lugar de “O Dedé mandou a Jacqueline...” “*comer* uma maçã” (cf. Tabela 8):

Idade	Alvo	Subst. Pret. Imp. Subjuntivo	Outras
3 anos	85% (85/100)	2% (2/100)	13% (13/100)
5 anos	94,7% (142/150)	3,3% (5/150)	2% (3/150)

Tabela 8 – Percentual de respostas-alvo e respostas alternativas na condição infinitivo

Neste caso, pode-se pensar que a criança esteja insegura quanto à presença ou não do complementizador *que* no estímulo apresentado, sendo induzida à percepção de sua presença pela outra condição.

#### - Conclusões:

O Experimento 2 proporcionou um panorama da aquisição do *modo* subjuntivo pela criança em termos de produção. Como foi visto, as crianças de 5 anos apresentaram um melhor desempenho na tarefa de produção eliciada como um todo, enquanto as de 3 demonstraram dificuldades apenas com o subjuntivo.

Os resultados também deixaram claro que neste intervalo de idade, de 3 a 5 anos, o infinitivo já está bem consolidado, ao passo que o subjuntivo está apenas em fase inicial de aquisição para as crianças de 3 anos (ou seja, a representação dos traços semânticos/formais relativos ao *modo* subjuntivo não parece estar plenamente estabilizada no léxico e/ou a identificação da morfologia do subjuntivo na língua encontra-se em processo) e em fase de desenvolvimento para as de 5 (ou seja, as crianças de 5 parecem ter uma representação mais estável de traços semânticos/formais pertinentes ao subjuntivo, ainda que o acesso a estes ou à morfologia correspondente ainda se mostre árduo para elas), pois embora seu desempenho seja superior na condição subjuntivo, demonstram ainda não dominá-lo de todo. Pode-se observar que a percepção de que a presença do complementizador *que* requer o *modo* subjuntivo encontra-se, ainda, em fase de consolidação para as crianças de 5 anos (ao contrário das de 3, para as quais a presença do complementizador ainda não se mostra muito perceptível), o que fica evidente por meio das produções destituídas de subordinação como, por exemplo, em: “O Dedé mandou *que a Jacqueline sentar*” e “O Dedé mandou *que a Jacqueline dar tchau*”.

De qualquer forma, o progresso na aquisição do *modo* subjuntivo dos 3 para os 5 anos é notório.

Os dados também revelaram que as alternativas de substituição na condição subjuntivo remetem quase em sua totalidade a uma substituição pelo infinitivo. Aos 5 anos, esta estratégia é bastante utilizada e, aos 3 anos, em que a criança apresenta maiores dificuldades com o subjuntivo, mais o substitui pelo infinitivo, confirmando, mais uma vez, a idéia de que o infinitivo é, de fato, um meio de expressão do *modo irrealis* no PB, quando o subjuntivo ainda não foi assimilado de todo pela criança.

Finalmente, observou-se que as crianças utilizaram mais o passado nas orações completivas, tanto nas respostas-alvo, como nas situações de substituição. Este fato demonstra que as crianças, mesmo aos 3 ou 5 anos, se guiam pelo tempo verbal da oração matriz para a construção da completiva.